



INTERVALO ANALÍTICO

Editorial

Somos todos sabedores de que vivemos numa roda-viva que muitas vezes nos impede de encontrar os amigos, trocar com os colegas e até mesmo de parar para a leitura de um livro ou texto, que há muito queremos entrar em contato.

A idéia inicial de nosso jornal levou em conta essa correria da vida cotidiana, é isso que o próprio título nos sugere: "Intervalo Analítico", uma "lidinha" a cada dez minutos de nossa hora. E, assim, nos comunicamos e nos inteiramos das últimas notícias, sobretudo, nos estimulamos para o encontro, para troca e para a leitura... Este é o nosso desejo!

Contudo, por ser um veículo que informa à instituição sobre a própria instituição, depende do pensamento, da produção e do interesse de cada um de seus membros/redatores para, assim, se apresentar. É a reciprocidade, ela que torna mais intensas e sólidas as informações transmitidas a todos.

Editar o jornal, costurando as notícias, colocando-as em disposição sedutora para atrair o interesse do leitor, nem sempre, é possível. Mas, se continuarmos interessados em dialogar, fazendo deste periódico o convite para este fim, vamos manter o incentivo à participação.

Nesta edição, temos o prazer de divulgar dois eventos científicos que promoverão o intercâmbio de idéias entre nossa Sociedade, a SBPSP e a SBP. Informamos também com satisfação que duas alunas do nosso Instituto apresentarão seus trabalhos no próximo Congresso da IPA em Berlim.

Por fim, interessa-nos destacar a entrevista que publicamos da OCAL com Fernando Rocha. Ele discorre com sabedoria sobre o processo de transmissão da psicanálise, as condições necessárias, os entraves e, ainda, sobre os paradoxos com os quais se defrontam os Institutos de formação psicanalítica.

Wania Maria C F Cidade

VEJA AINDA:

Notícias do Instituto
pag. 2

Programação Científica
pag. 3

OCAL entrevista Fernando Rocha
pag. 3 e 4



Aula Inaugural do Instituto: Sônia Eva e L. Nozek



Novas alunas da turma de 2007.

Intercâmbios Científicos

Visita da Dra. Elizabeth Rocha Barros

A Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro convidou a Dra. Elizabeth Rocha Barros para discutir material clínico de um de nossos colegas do Rio. Assim, inauguramos um proveitoso intercâmbio de idéias entre nossos membros e os da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. No próximo semestre, um de nós irá a São Paulo com a mesma finalidade.

A Dra. Elizabeth é Membro Efetivo e Analista Didata da SBPSP, Membro Efetivo e Fellow do Institute of Psychoanalysis da British Society e formada pela Tavistock Clinic, onde trabalhou por seis anos no Departamento de Crianças e Famílias.

A sessão será apresentada pelo Dr. Luiz Fernando Gallego, Analista Didata e Membro Efetivo de nossa Sociedade. Além da discussão do material, a Dra. Elizabeth apresentará um breve relato de um atendimento que realizou há 20 anos atrás e fará uma comparação com sua visão atual.

Participará, também, do debate do filme "Mentiras Sinseras". Mais informações na seção: "Programação Científica".

Visita da Dra. Rosine Perelberg

No dia 24 de abril, receberemos a visita da Dra. Rosine Jozef Perelberg que apresentará seu trabalho intitulado "Time and space in psychoanalytic listening" (Tempo e espaço na escuta analítica), texto que foi discutido no English Speaking Weekend em Londres, e na reunião científica da British Psychoanalytical Society. A Dra. Rosine é Analista didata e Supervisora, Membro Efetivo da Sociedade

Britânica de Psicanálise. Atualmente Coordena a Comissão de Currículo e é Membro da Comissão de Admissão e de Educação. Foi Secretária Honorária da Comissão Científica entre 1996 e 2001. Em 1991 recebeu o prêmio Cesari Sacerdoti pelo melhor primeiro artigo apresentado em Congresso da IPA. Recebeu, também, o título de Mestre em Antropologia Social, no Museu Nacional, da UFRJ e o título de Doutora em Antropologia Social na London School of Economics, Universidade de Londres. Entre 1989 e 1999, foi Editora Associada da Nova Biblioteca de Psicanálise e Membro do Conselho Editorial do International Journal of Psycho-Analysis. Ministra aulas de Teoria Psicanalítica no University College, Londres, leciona e dá supervisões regulares tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Nos últimos 10 anos, juntamente com Monique Courmut, organizou o Colóquio Britânico/Francês sobre Sexualidade, que ocorre alternadamente na Sociedade Psicanalítica de Paris e na Sociedade Britânica. Tem consultório particular em Londres.

Além das inúmeras publicações em revistas, tais como o International Journal of Psychoanalysis, Nouvelle Revue de Psychanalyse, Psychiatrie de L'enfant, Revue Francaise de Psychosomatique, Trieb e Kinderanalyse, ela foi co-editora de Female Experience: three generations of women analysts on work with women (Experiência feminina: três gerações de analistas mulheres no trabalho com mulheres). Editou Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide (Compreensão psicanalítica da Violência e do Suicídio - 1998); Dreaming and thinking (Sonhar e Pensar - 2000, re-impresso em 2003) e Freud: A Modern Reader (2005). No momento está terminando o livro Space, Time and Phantasy.

NOTÍCIAS DO INSTITUTO

O início das atividades do novo ano letivo do Instituto da SBPRJ foi prestigiado pela presença de Leopoldo Nosek, psicanalista da SBPSP, especialmente convidado para ministrar a aula inaugural de recepção aos novos alunos e demais alunos e membros da nossa Instituição.

Com seu habitual talento para discorrer sobre os mais diversos temas relacionados à psicanálise e sua interface com a cultura, Leopoldo brindou o numeroso público presente com a tessitura de seu próprio discurso, usando como ilustração uma bela coleção de tapetes afegãos representativos de uma cultura que absorveu os impactos da guerra e de seus símbolos através de sua transformação em possibilidades de expressão artística. Alinhavou seus sólidos conhecimentos psicanalíticos com uma experiência clínica sempre aberta ao novo e a múltiplas possibilidades de criação inerentes à nossa prática.

Agradecimento

Os problemas com o tráfego aéreo e mais a visita do presidente Bush deixaram a nós, da direção do Instituto, apreensivos quanto à presença do Dr. Leopoldo Nosek à aula inaugural do Instituto. Felizmente tudo deu certo e tivemos a sua presença enriquecedora. Queremos agradecer à nossa colega Glaucia Pessoa que se dispôs a apresentar seu trabalho premiado no Congresso de Brasília, caso Leopoldo não conseguisse chegar.

Nosso Instituto no Congresso

Temos orgulho em comunicar que as alunas Glaucia Pessoa e Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos, tiveram, cada uma, seus trabalhos aceitos para apresentação no 45º Congresso da IPA, em Berlim. Os trabalhos são respectivamente: "Recordar, Repetir e Elaborar na Cultura Hoje" e "Re-significar na Obra de Freud".

Às nossas colegas, congratulações!

Nova diretoria da Representação dos alunos no Instituto

Como Representante Geral dos alunos, gostaria de apresentar nossa nova diretoria: Vice-representante: Paola Amendoeira; Representante na Clínica Social: Marly Hakak; Representante no Conselho Científico: Gláucia Pessoa; Representante no Conselho Profissional: Cláudia Dutra d'Abreu; Representante no Departamento de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação: Eliane Cotrim Levcovitz; Representante na IPSO: Antonio Cláudio Mendes Ribeiro; Representante na OCAL: Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos e a Representante na ABC: Maria Teresa Silva Lopes.

Estamos começando nossos trabalhos junto à nova direção do Instituto e gostaríamos de contar com a participação dos alunos nas reuniões. Assim, poderemos

debater os assuntos referentes à nossa formação e receber sugestões, que serão sempre bem-vindas. Esperamos fazer um trabalho que atenda "nossas demandas".

Agradecemos à última representação, que trabalhou para que os alunos estivessem presentes, interessados, engajados, entusiasmados e atuantes no Instituto. O trabalho de vocês é inspirador, pois essa é uma árdua tarefa, tendo em vista que todos nós temos também outras atividades e interesses.

Aproveitamos para convidar todos os alunos a participar da reunião com a nova direção do Instituto que acontecerá na segunda-feira, dia 21 de maio, às 21h15m. Será uma reunião informal, para que todos conheçam a nova chapa e a nova direção do Instituto. É uma ótima oportunidade para deixarmos fluir novas idéias, dúvidas e desejos. A presença de todos será valiosa para estimular novos anos de trabalho.

Maria Carolina Bade Quintanilha
Representante Geral dos alunos

Notícias da IPSO

O Congresso Internacional será em julho próximo, em Berlim. Nós do Comitê Executivo da IPSO temos trabalhado bastante para organizar um encontro de alta qualidade, não apenas para os candidatos, mas também para os analistas que desejem participar. Como sempre acontece, teremos a apresentação de trabalhos de temas variados escritos por colegas do mundo todo. É com orgulho que partilho com vocês as notícias de que dentre os trabalhos selecionados para serem apresentados estão os de duas alunas da SBPRJ: Glaucia Pessoa e Marcela Couto e Silva Santos. Além dos trabalhos, teremos as tradicionais supervisões inter-regionais e este ano um dos supervisores será o presidente da IPA, Claudio Eizirik.

Mas isso não é tudo. Recentemente conquistamos, através do Grupo de Trabalho IPA-IPSO, o direito dos nomes dos candidatos constarem no database da IPA. O database é uma espécie de roster eletrônico e até hoje apenas os analistas constavam dessa listagem. Para que isso seja implementado, a IPA solicitou a cada diretor de Instituto que envie uma lista completa de seus candidatos juntamente com alguns dados e aguardamos ansiosamente para que isso seja feito.

Gabriela Pszczol
VP Eleita da IPSO para AL

Conselho Profissional

O Dr. Sergio Nick, diretor do Conselho profissional informa que o Dr. Oscar Carrera será o novo colaborador da equipe deste departamento, substituindo o dr. Carlos Alberto Quilelli.

BIBLIOTECA

LIVROS

...Continuação da listagem

36. MONTAGNIER, L. *Vírus e homens: AIDS: seus mecanismos e tratamentos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
37. MOSCOVICI, M. *A sombra do objeto: sobre a inatualidade da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
38. MOSCOVITZ, J.-J.; GRANCHER, P. *Para que serve uma análise?: conversas com um psicanalista*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.
39. MOURA, R. M. *Carnaval: da Redentora à Praça do Apocalipse*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
40. OBHOLZER, K. *Conversas com o Homem dos Lobos: uma psicanálise e suas consequências*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
41. PALMER, T. *Yehudi Menuhin: retrato de uma família*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
42. POMMIER, G. *Freud apolítico?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
43. A QUERELA dos diagnósticos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1989.
44. RYDENFELT, S. *Crise nas economias socialistas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.
45. SALE, K. *A conquista do paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.
46. SILVER, L. B. *A criança incompreendida: um guia para os pais de crianças com distúrbios de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
47. VAUCHEZ, A. *A espiritualidade da Idade Média ocidental: sec.VIII-XIII*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

PERIÓDICOS

ALTER, v.24, n.1, 2005.

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ PSYCHANALYTIQUE DE PARIS, n.78, Nov./Déc. 2005 (Tema: 66º Congrès des Psychanalystes de langue française).

ESTUDOS DE PSICANÁLISE, n.29, 2006.

INTERNATIONAL JOURNAL OF PSYCHO-ANALYSIS, v.87, n.5, 2006.

JOURNAL OF THE AMERICAN PSYCHOANALYTIC ASSOCIATION, v.54, n.3, 2006.

PSYCHÉ: REVISTA DE PSICANÁLISE, v.10, n.17 e 18, 2006.

PULSIONAL REVISTA DE PSICANÁLISE, v.19, n.186 e 187, 2006.

REVISTA CHILENA DE PSICOANÁLISIS, v.23, n.1, 2006.

CONSELHO DIRETOR 2007/2008

Presidente: **Altamirando Matos de Andrade Jr.**

Vice-Presidente: **Maria Helena Rego**

Junqueira

1º Secretário: **Bernard Miodownik**

2º Secretário: **Mariza Dutra d'Abreu**

1º Tesoureiro: **Letícia Tavares Neves**

2º Tesoureiro: **Marília Machado De La Cal**

Diretor do Instituto: **Sônia Eva Tucherman**

Vice-Diretor do Instituto: **Ruth Lerner**

Froimchuk

Secretária do Instituto: **Miriam Fichman**

Fainguelernt

Diretor do Conselho Científico: **Maria da**

Conceição Moraes Davidovich

Secretário do Conselho Científico: **Luis**

Fernando Guedes Gallego Soares

Diretor do Conselho Profissional: **Sérgio**

Eduardo Nick

Secretária do Conselho Profissional: **Maria**

Regina H. Newlands Trotto

Diretor da Clínica Social e Centro de Estudos

Psicanalíticos: **Admar Horn**

Secretária da Clínica Social e Centro de Estudos

Psicanalíticos: **Ruth Naidin**

Deptº. de Publicação, Biblioteca, Arquivo e

Divulgação:

Diretor: **Wania Maria C. F. Cidade**

Secretária: **Munira Aiex Proença**

Deptº de Difusão da Formação

Psicanalítica:

Diretor: **Giorgio Trotto**

Secretária: **Flavia Costa Strauch**

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: **Wania Maria C. F. Cidade**

Co-Editora: **Christina Nicoll S. Cavallari**

Projeto Gráfico: **Celyne Alvim**

Secretária: **Celyne Alvim**

Jornadas Psicanalíticas

O Núcleo Psicanalítico de Curitiba inicia a programação das "Jornadas Psicanalíticas" de 2007. A Jornada será no dia 28 de abril, sábado e terá a presença do colega Ney Marinho e de seus Membros Associados: Dr. Mauro P. Santos e Dr. Sérgio S. Kaio, que compartilharão sua valiosa e extensa experiência clínica.

A Jornada refletirá sobre a *Clínica*, o trabalho no atendimento a pessoas, seu universo psíquico e emocional. Terão a oportunidade de focar a clínica sob o vértice transformador dos assinalamentos do psicanalista britânico Wilfred R. Bion. Buscando proporcionar, também, uma primeira aproximação, aos que ainda não estão familiarizados com este autor.

Os trabalhos serão distribuídos previamente aos inscritos, para leitura antecipada.

Informações e inscrição: secretaria@npc.org.br Tel.: 41 3263 1495. Custo: R\$ 110,00 e R\$ 65,00 para estudante.

Programação do Conselho Científico

Fórum Livre de Psicanálise

Carlos Doin convida para o Fórum Livre de Psicanálise, que voltará a se reunir, da maneira habitual, em 19 de abril próximo.

Atendendo a diversas solicitações, será discutido o trabalho de Antonino Ferro "Four sessions with Lisa", com os comentários, publicados no *International Journal of Psychoanalysis*, n° 86, 2005, pag. 1247 a 1264 (cópias na Biblioteca).

Pela riqueza do texto, cheio de pontos polêmicos a instigar debates, recomenda leitura prévia, por parte dos interessados.

Psicanálise e Cinema

No dia 20 de abril será exibido, às 19h30m, o filme: "Mentiras Sinceras", seguido de debate com Elizabeth Lima da Rocha Barros, psicanalista da SBPSP; coordenado por Luiz Fernando Gallego. A atividade é aberta ao público e a entrada é franca.

Encontro Clínico SBPRJ-SBPSP

No dia 21 de abril, sábado, às 9h, o colega Luiz Fernando Gallego apresentará um caso clínico, que será comentado pela psicanalista da SBPSP, Elizabeth Lima da Rocha Barros.

Reuniões Científicas

No dia 24 de abril, às 21h15m, Rosine Perelberg, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, apresentará a conferência "Tempo e espaço na escuta analítica". A atividade é aberta ao público, com entrada franca para membros e alunos da SBPRJ.

No dia 26 de abril, às 21h15m, o tema da Reunião Científica será "A teoria de sistemas intersubjetivos", apresentado pelos colegas Maria de Lourdes Monteiro de Salles (SBPRJ), Osmar de Salles (SPRJ) e Ronaldo Victor (SPRJ).

Todos os eventos serão na Sede da SBPRJ.

OCAL Entrevista Fernando Rocha

Fernando Rocha, analista didata e membro efetivo da SBPRJ, autorizou a publicação desta entrevista concedida à OCAL no início do ano. Devido ao pouco espaço, foi dividida em partes que serão reproduzidas em série nos próximos números. A entrevista completa e suas referências bibliográficas encontram-se disponíveis na secretaria.

OCAL: A ti te parece que o tripé formativo do psicanalista – análise didática, supervisão e seminários teóricos – segue tendo vigência? Pensas que deveria sofrer modificações ou acréscimos? Nesse caso, quais seriam?

Fernando Rocha: A formação do analista baseada nos três elementos do tripé, a meu ver, continua válida. No entanto, o que importa não é somente o aspecto formal, mas sobretudo, a maneira como estes três pilares são realizados numa formação; ou seja, o que importa é a maneira como este tripé responde àquilo que é propriamente psicanalítico, ajudando o candidato a tornar-se apto a ocupar o "lugar de analista".

Foi no segundo Congresso Internacional em Nuremberg, em 1910, que se deu a conhecer os problemas da organização psicanalítica. A Psicanálise produzira uma linguagem própria, um novo universo de pensamento, e mobilizara vários campos de conhecimento. A idéia de Freud era a de organizar o que fosse psicanalítico, começando-se, assim, a pensar quais as condições que deveriam ser transmitidas a todos os candidatos a psicanalista. Foi em torno disso que começou a história da formação, com suas bases na análise pessoal (chamada de didática), supervisão e aprendizado do saber teórico. Chegou-se, então, a uma discrepância que até hoje enfrentamos: o que a psicanálise se propõe enquanto processo e o que ela é enquanto instituição.

Se, por definição, a psicanálise quebra com qualquer 'estatuição' exata, essa ordenação na formação do analista pode ser uma espécie de violência, de redução con-

tra o que é psicanalítico. Esse é um impasse, um paradoxo, com o qual se defronta uma formação psicanalítica. Enquanto a instituição tem regras estatuidas e precisa delas inclusive para ser uma instituição, a análise é a derrubada de ordenações exatas, é a tentativa através da regra fundamental, de pesquisar o desejo. É, portanto, fundamental que a sociedade de psicanálise se dê conta e não fique cega a essa dialética entre o "instituinte e o instituído".

Neste sentido, é interessante ressaltar que Freud, ao introduzir a noção de formação em psicanálise, empregou o termo *Ausbildung*, e o fez ressaltando uma concepção de formação que conduziu a uma prática de autocrítica, de interrogação, em oposição à noção de modelo. Trata-se da possibilidade de interrogar-se, principalmente no que se refere ao trabalho empreendido com o paciente. Assim, as acepções depreendidas do termo *Ausbildung* possibilitam vislumbrar o papel fundamental que a análise pessoal, a supervisão e os seminários teóricos podem adquirir na formação psicanalítica. É neste sentido que aparece toda a importância do que se entende pelo termo **formação**.

Quando o ato de formar e educar atrela-se ao sentido de modelar, prevalece uma perspectiva de formação que visa adaptar ou adequar, distanciando-se do que se propõe uma formação psicanalítica. Entretanto, outras concepções abordam a ação de formar ou educar como práticas que preparam o sujeito para lidar com o novo, o imprevisível, entendendo que há, nesse processo, uma implicação com a "tarefa de renovar o mundo", ou seja, uma formação ou educação apoiada na criatividade.

Delineiam-se, então, duas perspectivas opostas quanto ao ato de formar: uma, em que a formação, restringindo-se a um ato informativo, sem a preocupação de desenvolver uma capacidade crítica, visa modelar o sujeito ao já exis-

Continua na pag. 4

tente; outra que, percebida em sua globalidade, transcende a informação ou mesmo o conhecimento, realçando que a importante tarefa da formação é a de conduzir o sujeito para a “*emancipação*” e não para a “*adaptação*” (Adorno, 1995)^{1 [1]}.

OCAL: Crês que independizar a análise pessoal dos Institutos de formação poderia favorecer a formação de analistas mais emancipados, criativos e críticos?

Fernando Rocha: Sim, mas não imuniza, como uma vacina, contra a não emancipação, a falta de criatividade e de auto-crítica. Mas, se a análise pessoal é concebida como sendo o fundamento da identidade do futuro analista, a independência entre análise pessoal do candidato e a instituição, é uma proposta que pode indicar a preocupação de proteger a análise das influências da Instituição.

Na Sociedade Psicanalítica de Paris, onde fiz minha formação (de 1969 a 1979), esta independência foi uma conquista e achei a experiência válida. Com o propósito de proteger a análise pessoal do candidato, em 1970 foi abandonada a análise didática, possibilitando que o desejo de tornar-se analista pudesse ser realmente analisado, não sendo confirmado por antecipação. Para a S.P.P., “qualificar uma análise como didática lhe impõe um objetivo que anula a sua especificidade”. Com esses procedimentos, a S.P.P. assumia que a análise didática não era a melhor solução nem para se formar um analista nem para evitar “*candidatos conformistas, não criativos, instalados em uma repetição mortífera da mesmice*”^{2 [2]}.

Valorizando um percurso pouco diretivo de formação, a S.P.P. incentiva a emergência de estilos variados e o desenvolvimento da subjetivação e da identidade própria de cada um. A formação na S.P.P. pretende favorecer a “diversidade, a autenticidade e a responsabilidade”.

OCAL: Como se pode evitar o doutrinamento teórico nas supervisões?

Fernando Rocha: Vai depender do posicionamento ético do supervisor. Durante o exercício de sua clínica, o analista em formação, em análise ou em supervisão, estará irremediavelmente sozinho com o seu analisando; é pois o responsável pelos seus atos analíticos. Da solidão, ao longo do processo analítico, emergem incertezas e dúvidas que colocam à prova o seu narcisismo. A inevitabilidade dessa situação lança-o em busca de certezas ou garantias, seja através de um saber teórico, seja através de um saber de outrem, a fim de obter respostas.

Freud, em *A Dinâmica da Transferência* (1912), nos chama a atenção para o fato de que o fenômeno transferencial instaura-se de forma mais intensa no sujeito submetido à análise do que naquele que não o está. Com frequência, ao iniciar seu primeiro trabalho clínico, o analista em formação está ainda em análise. Esta simultaneidade de papéis

provoca intensa ativação de suas vivências inconscientes.

Desse modo, se é fundamental que o analista ocupe a posição de suporte, de receptáculo das vivências do analisando, quando ainda em formação ele terá que experienciar, concomitantemente, uma vivência na qual ora se vê como analisando, ora como analista. E é justamente ao longo deste percurso que surge a figura do supervisor. Considerando que no momento em que ocorre a supervisão o analista em formação encontra-se particularmente susceptível a incluir no seu campo transferencial o supervisor, este deve ter como resposta a delicadeza que acolherá as interrogações do analista em formação, ajudando-o a emergir e a tornar-se analista na sua singularidade. Ao supervisor, resta apenas o que lhe concerne: não se colocar como modelo a ser imitado, mas como elemento catalisador.

A supervisão seria, assim, um dos momentos de uma travessia, de um encontro com uma experiência que, confrontada com outras, permitiria a cada aprendiz forjar a sua própria maneira de proceder. Uma das principais funções do supervisor é a de ajudar o supervisionado a suportar a angústia do não-saber, a sustentar a espera necessária para que haja nomeação, revelação, elaboração dos processos inconscientes, sem inserir nessa brecha essencial um saber defensivo, seja da ordem de um saber teórico, seja da ordem de um saber prévio sobre o desejo do analisando. Através de sua dupla escuta – das associações do analisando e das associações do analista –, o supervisor poderá algumas vezes perceber e indicar movimentos através dos quais se deu um fechamento no processo inconsciente, em que, com frequência, um saber foi colocado como resistência.

O espaço da supervisão deve também comportar o interesse pela relação entre a clínica e a teoria, incluída aí a reflexão sobre o trabalho das entrevistas preliminares, o diagnóstico, a entrada em análise, bem como a direção do tratamento e a finalização do processo. Se o divórcio entre teoria e prática é incompatível com a função do trabalho analítico, o trabalho de teorização dentro de uma supervisão possui certas características. Concorro com os autores que pensam que ele deve ser concebido como um trabalho conjunto de *teorização flutuante*, correlato àquele da *atenção flutuante*.

Sendo um espaço de travessia fundamental, no qual o supervisionado poderá vivenciar a construção, sempre inacabada, de sua identidade de analista, a supervisão deverá comportar, da parte do supervisor, o respeito ao estilo e a escolha do caminho teórico do supervisionado - desde que os pilares fundamentais do pensamento psicanalítico estejam presentes - o que certamente contribuirá para que não se formem simples discípulos, mas verdadeiros analistas.

Divagar é Preciso

O Xale
de Cynthia Ozick.
Ed. Companhia das Letras

Pela foto na orelha da capa Cynthia Ozick é uma simpática septuagenária judia norte-americana. Também é uma escritora prolífica e premiada. Este livro traz dois contos com histórias interligadas, ambas premiadas em seus anos de publicação (1980 e 1983). A primeira delas, a que dá título ao livro, foi incluída em uma coletânea dos melhores contos americanos do século XX.

“O Xale” é uma história sobre o Holocausto na 2ª Guerra Mundial. No conto há uma mulher, Rosa, e duas meninas. Não se fala de judeus, nazistas, campos de concentração ou câmaras de gás. Detalhes na narrativa, um aqui, outro acolá (seios murchos, fumaça, capacete e botas, arame farpado) vão construindo para nós, leitores que temos as referências do período, um quadro de terror sem nome dos personagens. Poderia se falar de uma escrita feita ponto-a-ponto como a tessitura delicada de um xale, não fosse a comparação um tanto óbvia e também pelo fato do “xale” ser um objeto precário, de concretezude pétrea usado como último recurso de sobrevivência no limite do humano, “a frieza do inferno”. Uma obra-prima.

A outra história, “Rosa”, se passa 40 anos depois em Miami. O Holocausto e suas conseqüências agora têm nome e Rosa, hóspede de um hotel para idosos, continua envolta no “xale”. O tom do conto, oscilando entre o drama e o humor judaico, mostra a culpa do sobrevivente, a frágil barreira entre realidade e imaginação no traumatizado e, acima de tudo, a vida se afirmando no inusitado e no inesperado. Uma delicada tessitura e, se um autor puder ter vários, outra obra-prima.

Bernard Miodownik